



Em Busca de uma Iniciativa de Defesa Forte e Sustentável

O então Secretário de Defesa, Chuck Hagel, tece comentários durante o Fórum de Defesa Nacional Reagan, realizado na Biblioteca Presidencial Ronald Reagan, em Simi Valley, na Califórnia, 15 Nov 14.

(Departamento de Defesa, 3º Sgt Sean Hurt)

Secretário de Defesa Chuck Hagel

O Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (EUA) passa, atualmente, por um momento decisivo de transição. Após 13 anos de guerra, empregando uma Força composta, integralmente, de voluntários, estamos reformulando a iniciativa de defesa, para nos adaptarmos a um ambiente fiscal assolado pela constante incerteza e recursos cada vez menores e a um ambiente estratégico definido por um realinhamento histórico de interesses e influências ao redor do mundo.

O Departamento de Defesa enfrenta pressões orçamentárias; pesadas restrições legislativas sobre a forma pela qual gerimos nossa instituição; e a imprevisibilidade das “resoluções continuadas” [que autorizam gastos em caráter provisório, até que o orçamento seja aprovado — N. do T.] e da ameaça de cortes automáticos (*sequestration*). Ao mesmo tempo, potências novas e antigas vêm desafiando a ordem mundial que a liderança norte-americana ajudou a construir após a Segunda Grande Guerra. No Oriente Médio e no



Chuck Hagel, ao servir na Guerra do Vietnã, por volta de 1967-1968.

(Biblioteca do Congresso dos EUA)

Norte da África, a ordem interna e entre Estados-nação vem sendo reformulada de maneira não vista há quase um século, frequentemente deixando, em sua esteira, perigosas áreas sem governo. Na África Ocidental, em menos de um ano, um vírus mil vezes menor que a espessura de um fio de cabelo infectou mais de 17 mil pessoas, matou mais de 6 mil e abalou governos e sistemas de saúde. Na Europa, a invasão da Ucrânia pela Rússia representa um dos atos mais flagrantes de agressão de um Estado contra outro naquele continente desde o término da Segunda Guerra Mundial. Na região Ásia-Pacífico, a concorrência entre potências emergentes ameaça abalar a estabilidade que permitiu que a região prosperasse e crescesse durante décadas.

Estamos no início, e não no fim, desse realinhamento. Como afirma Henry Kissinger, apenas “um equilíbrio sutil de comedimento, força e legitimidade” ajudará a forjar uma nova ordem — cujo estabelecimento levará

anos, provavelmente décadas¹. Isso significa que as missões e o foco do Departamento de Defesa continuarão a ser caracterizados — e definidos — pela transição.

Enquanto essas dinâmicas se desenrolam, as Forças Armadas dos EUA lidam com as atuais crises e desafios de segurança ao redor do mundo: enfraquecer o Estado Islâmico (EI) do Iraque e do Levante, ajudar a impedir que o vírus do Ebola se espalhe e fortalecer nossos aliados da OTAN². Poucos teriam previsto essas missões um ano atrás; a incerteza é a única certeza em um mundo interconectado de 7 bilhões de pessoas.

O Departamento de Defesa deve estar preparado para os desafios desse futuro incerto. Encaramos a ascensão de novas tecnologias, potências nacionais e atores não estatais; novas ameaças sofisticadas, letais e frequentemente assimétricas, que englobam desde os ataques cibernéticos até as redes criminosas transnacionais; assim como ameaças persistentes e voláteis, que já enfrentamos há anos.

Nossa segurança de longo prazo dependerá de conseguirmos resolver as crises atuais ao mesmo tempo que nos planejamos e preparamos para futuras ameaças. Isso requer fazer escolhas ponderadas e enfrentar todos os desafios do país com uma visão de longo prazo.

É isso que o Departamento de Defesa vem fazendo atualmente. Não estamos esperando que a mudança chegue até nós — estamos liderando a mudança. Estamos tomando a iniciativa, antecipando-nos às mudanças que decerto virão e fazendo os investimentos de longo prazo de que precisamos para o futuro.

Isso vem acontecendo de dois modos principais. Estamos investindo na incomparável aptidão de nosso país para a inovação, de modo que, em face de crescentes desafios, as capacidades, vantagem tecnológica, estratégia e prontidão de nossas Forças Armadas continuem sendo superiores às de quaisquer potenciais adversários. Estamos investindo em reformas de nossa iniciativa de defesa, para assegurar que a base de nossas Forças Armadas seja sólida, ágil, responsável e digna dos homens e mulheres que nelas servem. Manter ambos esses investimentos exigirá significativa liderança — e parceria — nos próximos anos.

Em Busca da Inovação

Atualmente, nossas Forças Armadas contam com cerca de 400 mil integrantes, baseados em quase cem países. Essa contínua presença no exterior — aliada à

sua incomparável vantagem tecnológica e operacional — ajudou a consolidar a liderança mundial dos EUA durante décadas.

Contudo, a superioridade de nossas Forças nunca foi algo garantido, e ela vem sendo cada vez mais desafiada hoje em dia. Tecnologias e armas que, no passado, eram um privilégio exclusivo das nações avançadas se tornaram disponíveis para uma ampla gama de Forças militares e atores não estatais. Além disso, enquanto passamos mais de uma década empenhados em exaustivas operações de estabilização, países concorrentes, com capacidades quase equiparadas, como a Rússia e a China, investiram fortemente em programas de modernização militar, com o intuito de diminuir a vantagem tecnológica de nossas Forças Armadas — colocando em serviço aeronaves avançadas, submarinos e mísseis com maior alcance e precisão. Esses países estão desenvolvendo, também, novos mísseis antinavio e ar-ar, assim como capacidades antiespaciais, cibernéticas, de guerra eletrônica, submarinas e de ataque aéreo.

Para mantermos nossos compromissos de liderança mundial — e a confiança de nossos aliados — os EUA devem continuar a proteger sua capacidade de projetar o poder rapidamente do outro lado de oceanos e continentes, por meio do emprego ágil de aeronaves, navios, tropas e suprimentos. Se essa capacidade de projeção de poder for prejudicada ou perdida, assistiremos a um mundo bem mais perigoso e instável — e bem mais ameaçador aos EUA e seus cidadãos que desde a Segunda Guerra Mundial.

Sem nossa superioridade militar, a força e a credibilidade de nossas alianças sofreriam. Tanto nossos amigos quanto nossos adversários poderiam duvidar de nosso compromisso com a aplicação das leis e princípios consagrados do direito internacional. Dúvidas quanto à nossa capacidade de vencer futuras guerras poderiam prejudicar nossa capacidade de dissuasão, e nossas Forças Armadas poderiam, um dia, defrontar-se, em combate, com uma gama de tecnologias avançadas que limitem nossa liberdade de manobra — permitindo que um possível conflito gere custos debilitantes e ponha em risco a vida de um número excessivo de cidadãos norte-americanos.

Os EUA não acreditam em enviar nossas tropas a confrontos em que não tenham uma clara vantagem, mas não seremos capazes de honrar esse princípio se não tomarmos a iniciativa e lidarmos com esses crescentes desafios agora. O Departamento de Defesa dos EUA deve continuar a

modernizar as capacidades das Forças Armadas e manter sua superioridade operacional e tecnológica. Para isso, precisamos de investimentos novos e de longo prazo na inovação.

Conseguimos fazer isso antes, mesmo em épocas de grande tumulto e transformações. Nos anos 50, o Presidente Dwight D. Eisenhower conseguiu compensar a superioridade convencional soviética por meio de sua estratégia “New Look”, de ampliação da capacidade de dissuasão nuclear dos EUA. Nos anos 70, após os avanços soviéticos em armas nucleares terem diminuído nossa superioridade estratégica, o então Secretário de Defesa, Harold Brown — trabalhando estreitamente com o Subsecretário, e subsequente Secretário de Defesa, Bill Perry —, introduziu uma nova estratégia de compensação, implementando o Programa de Pesquisa e Desenvolvimento de Longo Alcance, que ajudou a desenvolver e implementar sistemas novos e revolucionários, como munições de precisão de longo alcance, aeronaves furtivas e novas plataformas de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento.

Todos esses sistemas se valeram de avanços tecnológicos, como a revolução no microprocessamento, ocorrida ao longo de algumas décadas. A inovação crucial foi empregar e conjugar esses novos sistemas e tecnologias com novos conceitos operacionais estratégicos de modo a capacitar as Forças Armadas norte-americanas a evitar, como afirmou Brown, ter de “equiparar-se de forma exata a um adversário, com um mesmo número de carros de combate ou efetivos”³. Ao darem continuidade a esses investimentos de maneira bipartidária, sucessivas autoridades — no Pentágono, na Casa Branca e no Congresso — ajudaram os EUA a criar e manter nossa superioridade militar durante décadas.

É por isso que, no Fórum de Defesa Nacional Reagan, realizado na Califórnia em novembro último, apresentei a nova Iniciativa de Inovação da Defesa, que esperamos transformar em uma revolucionária terceira estratégia de compensação. Essa nova iniciativa é um ambicioso esforço, no âmbito de toda a organização, para identificar e investir em formas inovadoras de manter e promover a primazia militar dos EUA no século XXI. Não só destinará novos recursos à inovação, mas também levará em consideração a atual realidade fiscal, concentrando-se em investimentos que ampliem nossa superioridade militar mesmo em face de menos recursos. A contínua pressão fiscal provavelmente limitará a capacidade de nossas Forças Armadas para responder a desafios

no longo prazo aumentando o número de efetivos ou, simplesmente, investindo mais que nossos potenciais adversários em sistemas atuais. Assim, para superarmos os desafios à nossa superioridade militar, precisaremos mudar a forma pela qual inovamos, operamos e conduzimos nossas atividades.

A Iniciativa de Inovação da Defesa se valerá das lições de estratégias de compensação anteriores, garantindo que as capacidades de projeção de poder dos EUA continuem a manter nossa vantagem competitiva nas próximas décadas. Com esse propósito, estamos explorando várias linhas de esforço atualmente.

Nosso esforço relacionado à tecnologia estabelecerá um novo Programa de Planejamento de Pesquisa e Desenvolvimento de Longo Alcance, que ajudará a identificar, desenvolver e implementar inovações nas tecnologias e sistemas mais avançados — especialmente as advindas dos campos da robótica; autonomia; sistemas aéreos, espaciais e submarinos; miniaturização; megadados (*big data*); e manufatura avançada, incluindo a impressão 3D. Esse programa terá como foco a próxima década e além. No curto prazo, solicitará às mentes mais brilhantes, dentro e fora do governo, que, partindo de uma folha em branco, avaliem quais tecnologias e sistemas o Departamento de Defesa deverá desenvolver nos próximos três a cinco anos e desse período em diante.

Sabemos que a tecnologia não é o remédio para todos os problemas, razão pela qual a Iniciativa de Inovação da Defesa também se concentrará em explorar e desenvolver novos conceitos operacionais, incluindo novas abordagens de combate, e como equilibrar os investimentos do Departamento entre plataformas e cargas úteis.

Em alguns aspectos, isso envolverá explorar métodos criativos de empregar as capacidades de que já dispomos para melhor cumprirmos nossos objetivos estratégicos. Um exemplo disso seria o Exército ampliar seu papel na busca de reequilíbrio com respeito ao foco na região Ásia-Pacífico, explorando seu atual conjunto de mísseis de precisão de longo alcance, foguetes, artilharia e sistemas de defesa antiaérea. Essas capacidades poderiam proporcionar diversos benefícios, como reforçar as defesas das instalações norte-americanas; conferir maior mobilidade aos contratorpedeiros *Aegis*, da Marinha, e a outros meios da Força Conjunta; e ajudar a proteger o livre fluxo de comércio.

As outras linhas de esforço da Iniciativa focalizarão novas abordagens em relação aos jogos de guerra e ao

ensino profissional militar — trabalho esse que já teve início. Além disso, elas se concentrarão em nosso meio mais importante — as pessoas — buscando não apenas práticas já consagradas de desenvolvimento de liderança, como também novas oportunidades para reimaginar como preparar gestores e líderes.

Todos os componentes da Iniciativa de Inovação da Defesa moldarão nossos programas, planos e orçamentos — de maneira crescente, à medida que ela for amadurecendo.

Solicitei ao Vice-Secretário de Defesa, Bob Work, que guiasse o desenvolvimento da iniciativa, e ele presidirá uma nova Comissão sobre Capacidades Avançadas e Dissuasão para levá-la adiante. Essa comissão reunirá a alta liderança de todos os componentes do Departamento de Defesa: os setores de formulação de políticas e de Inteligência, as Forças Armadas, a Junta de Chefes de Estado-Maior e as autoridades de pesquisa, desenvolvimento e aquisição.

Conto com que essa comissão proponha importantes mudanças à forma pela qual o Departamento de Defesa diagnostica e efetua o planejamento para enfrentar desafios à superioridade competitiva de nossas Forças Armadas e rompa com muitas de nossas formas habituais de atuar — incentivando o pensamento original, focalizado em ameaças e desafios à nossa superioridade militar, e não apenas adaptando planos já existentes.

A comissão também deve encarar um novo desafio de maneira direta: o fato de que muitas, se não a maioria, das tecnologias que buscamos aproveitar atualmente deixaram de ser um privilégio dos setores de desenvolvimento do Departamento de Defesa ou de suas firmas contratadas tradicionais. É fato conhecido que o Departamento não tem mais acesso exclusivo à tecnologia mais avançada, nem a habilidade de estimular — ou controlar —, como no passado, o desenvolvimento de novas tecnologias. Para entendermos melhor as tendências tecnológicas comerciais que nos ajudarão a tomar a dianteira de nossos adversários, buscaremos, ativamente, propostas da iniciativa privada, incluindo firmas e instituições acadêmicas fora da esfera tradicional do Departamento de Defesa.

Como Reformar a Iniciativa de Defesa

Investir com sucesso nessas prioridades de longo prazo requer a base proporcionada por uma iniciativa

de defesa sólida, resiliente e responsável — porque garantir a saúde e vitalidade do Departamento de Defesa como instituição é um fator essencial para nossa capacidade de preparar para o futuro.

À medida que o mundo em que operamos for mudando, nós também precisaremos mudar. Precisaremos revitalizar, renovar e, quando necessário, reformar. Isso se aplica a tudo o que fazemos, de operações especiais e aquisições ao atendimento médico concedido os militares e suas famílias.

O Departamento de Defesa é a maior instituição do mundo, empregando aproximadamente 1% da população norte-americana. Possui mais de 560 mil prédios e estruturas em mais de 520 instalações, que se estendem por 27 milhões de acres — área quase equivalente ao Estado do Tennessee. Qualquer instituição com essa magnitude, complexidade e abrangência de missões e responsabilidades levará tempo para mudar. É preciso compreender que as mudanças nos serão impostas, em condições fora de nosso controle, a menos que nós mesmos tomemos a iniciativa.

É por isso que o Departamento de Defesa deve continuar a empenhar-se em uma reforma ampla e muitas vezes árdua. Buscamos uma reforma não pela reforma em si, mas com o objetivo de fortalecer a instituição, tornando-a mais bem preparada para o futuro. Tudo o mais que fazemos depende disso.

Recentemente, anunciei as medidas que o Departamento de Defesa está tomando para reformar nossa iniciativa nuclear, incluindo novos recursos e mudanças em organização, políticas e cultura. Serão necessários anos de ações e comprometimento para sanar os problemas que se acumularam ao longo de muitos anos. Mas nós os solucionaremos — assegurando que nossa nação continue a ter uma capacidade segura e efetiva de dissuasão nuclear. Cobraremos dos dirigentes do Departamento de Defesa, para assegurar que suas promessas se convertam em ações e suas ações em melhorias concretas e sustentáveis.

Para voltar, ainda mais, a energia, o foco e os recursos do Departamento a apoiar nossas operações de linha de frente, estamos conduzindo análises abrangentes de seus sistemas organizacionais e de gestão. As primeiras análises estão em andamento, a começar pelo Gabinete do Secretário de Defesa. O Pentágono deve adotar melhores práticas organizacionais, essenciais a todos os empreendimentos modernos, privados

ou públicos. Isso significa atualizar nossos sistemas e processos organizacionais e informatizados, buscando o equilíbrio ideal entre o emprego de servidores públicos e o de terceirizados, evitando a duplicação de funções de apoio no Gabinete do Secretário de Defesa e nas Forças Armadas.

Após anos de adiamento e atraso, temos obtido avanços no sentido de melhorar a prestação de contas financeiras do Departamento. O Corpo de Fuzileiros Navais foi a primeira Força a obter um parecer de auditoria sem ressalvas no ano passado. Além disso, em dezembro, o Departamento de Defesa adjudicou contratos a firmas independentes de auditoria pública que verificarão as dotações orçamentárias do Exército, da Marinha e da Força Aérea para o atual exercício fiscal de 2015, certificando-se de que a organização, como um todo, continua no caminho certo para estar completamente preparada para auditorias até 2017. Embora pareça um tanto enfadonho, esse objetivo é essencial para nossa futura efetividade, eficiência e transparência.

Para otimizar a forma pela qual o Pentágono conduz suas atividades, o Departamento de Defesa tem dado continuidade, também, às ações de aprimoramento e reforma do processo de grandes aquisições, capitaneado pelo Subsecretário de Defesa para Aquisições, Tecnologia e Logística, Frank Kendall. O objetivo é reformular, em parceria com o Congresso, o arcabouço jurídico para as aquisições do Departamento de Defesa, eliminando documentos desnecessários, para que possamos nos concentrar nas principais prioridades estratégicas.

Além de todos esses esforços, também buscamos resultados e melhorias concretas por meio de outras iniciativas de reforma essenciais para a saúde de longo prazo e aprestamento da força. Incluem melhorias ao sistema de saúde militar, sistema judicial militar e ações para localizar militares desaparecidos em combate. Também incluem a renovação do foco na ética e profissionalismo militar, a integração de sistemas com o Departamento de Assuntos dos Veteranos e a eliminação do assédio sexual nas Forças Armadas — área em que, apesar de efetivos avanços no último ano, ainda há muito trabalho a ser feito. Ainda há um número muito grande de casos de assédio sexual que nem chegam a ser denunciados, tanto em âmbito nacional quanto nas Forças Armadas, e muitos de nossos companheiros e companheiras de armas são vítimas desses crimes. A proteção de nossos companheiros

no Exército, Marinha, Força Aérea e Corpo de Fuzileiros Navais é a maior responsabilidade que temos uns para com os outros. Assim, precisamos continuar a fazer de tudo para erradicar essa ameaça interna de nossas fileiras e proporcionar aos sobreviventes a ajuda e o apoio que necessitam.

O Departamento de Defesa conservará seu foco em todas essas iniciativas de reforma, porque elas determinam nossa habilidade para desenvolver novas capacidades, fortalecer nossas parcerias e honrar nossos compromissos permanentes para com nossos militares e suas famílias. É o serviço deles que torna tudo o que fazemos possível — nunca devemos perder isso de vista.

Em Parceria com o Congresso

O Departamento de Defesa vem fazendo as escolhas difíceis e adquirindo a flexibilidade exigida pelas novas realidades. Entretanto, para obtermos êxito, precisamos do apoio e da parceria do Congresso — especialmente neste momento, em que as demandas impostas às nossas Forças Armadas vêm crescendo; nossos recursos, diminuindo; e a autonomia para gerirmos nossa própria instituição, ficando mais limitada.

Desde 2011, o Departamento de Defesa tem sido obrigado, anualmente, a operar com base em extensões provisórias do orçamento, determinadas por resoluções continuadas, o que prejudica nossa capacidade para planejar, investir e reformar. Como lembrei ao Congresso

diversas vezes, nenhuma instituição pode ser administrada efetivamente com base em resoluções continuadas, especialmente a instituição responsável pela segurança deste país. Precisamos de orçamentos reais — que concedam ao Departamento de Defesa certeza e previsibilidade no longo prazo — e da flexibilidade para tomar as decisões administrativas internas sobre o que será necessário para lidar com as atuais e futuras ameaças a este país.

Precisamos, também, tomar medidas essenciais para diminuir os gastos, especialmente com respeito à redução do número excessivo de bases e instalações. Apesar de muitos esforços e de quase dez anos desde a última vez, o Departamento de Defesa não conseguiu obter do Congresso mais uma série de realinhamentos e fechamentos de bases. Atualmente, temos um excesso de capacidade de 24% com respeito às nossas bases e instalações — excesso que custa ao Departamento bilhões de dólares anualmente, que poderiam ser investidos de outras formas, para manter a superioridade de nossas Forças Armadas. Precisamos que o Congresso nos ajude a pôr fim a esses gastos excessivos.

Também precisamos que o Congresso apoie as propostas de reforma da remuneração dos militares. Ninguém que vista a farda está recebendo mais do que merece pelo serviço que presta à nação. Contudo, desde 2001, os soldos e benefícios para os militares ultrapassaram em 40% o aumento dos salários na iniciativa privada. Para os militares, o Departamento de Defesa propôs aumentos

contínuos, mas mais moderados, dos soldos e do auxílio-moradia isento de imposto, assim como aumentos módicos dos copagamentos de seguro. O Congresso concordou, em parte, com algumas dessas propostas, mas precisamos tomar providências em relação a todas elas. Quanto mais adiarmos as escolhas difíceis, mais difíceis elas se tornarão — e mais graves as consequências.

Sem a capacidade de efetuar ajustes programados, como retirar do emprego aeronaves obsoletas, e sem o realinhamento e fechamento de bases, o Departamento de Defesa terá de arcar com uma conta de US\$ 30 bilhões entre os anos fiscais de 2016 a 2020. Caso não lhe seja concedida



(Departamento de Defesa, Glenn Fawcett)

O então Secretário de Defesa, Chuck Hagel, observa o Pentágono através da janela de um helicóptero do CFN dos EUA, após proferir discurso de formatura na Academia Naval, em Anápolis, Estado de Maryland, 23 Mai 14.

a flexibilidade para efetuar pequenos ajustes à remuneração militar, o Departamento de Defesa deverá incorrer um custo adicional de dezenas de bilhões de dólares. Quando se consideram as novas contas resultantes de investimentos urgentes — incluindo a reforma de nossa iniciativa nuclear e infraestrutura espacial e a modernização tecnológica — o rombo em nosso orçamento deverá crescer para mais de US\$ 70 bilhões entre 2016 e 2020. Esse valor equivale ao que a Marinha gastará para comprar todos os seus navios de força de combate nos próximos cinco anos e mais do que a Força Aérea gastará para comprar todas as suas aeronaves nesse mesmo período.

Tudo isso vem antes de o Departamento tratar do possível retorno dos cortes orçamentários automáticos no ano fiscal de 2016. Eles ocorrerão, a menos que mudem a legislação. Caso continuem, poderão reduzir o orçamento de Defesa em quase US\$ 1 trilhão ao longo de dez anos. Já começamos a sofrer esses cortes profundos nos últimos anos. A volta dos cortes automáticos teria um efeito devastador no aprestamento militar e ameaçaria nossa capacidade de executar a estratégia de defesa da nação.

O Congresso tem, neste ano, uma oportunidade única para ajudar o Departamento de Defesa. Assim, toda a liderança do Departamento trabalhará estreitamente com o Congresso para lidar com as questões que essa contínua pressão e incerteza fiscal vem impondo à instituição e à segurança do país.

Escolher Sabiamente

O ano passado marcou o 25º aniversário da queda do Muro de Berlim — um lembrete de que os EUA, assim como seus aliados, venceram um resoluto adversário soviético, ao se unirem para o bem da nação.

Ao longo de décadas e com o envolvimento de ambos os partidos, trabalhamos juntos para fazermos investimentos estratégicos de longo prazo na inovação e na reforma das Forças Armadas do país — investimentos que, por fim, nos ajudaram a obrigar o regime soviético a desistir.

Os dirigentes dos EUA fizeram escolhas difíceis na época — e teremos de fazer escolhas difíceis agora. Precisamos atravessar o presente período de transição e realinhamento e encarar a realidade e os desafios diante de nossa iniciativa de defesa atualmente, para que estejamos preparados para os desafios do futuro.

Se fizermos os investimentos certos — em nossas parcerias ao redor do mundo, na inovação e na nossa iniciativa de defesa — continuaremos a manter nossas Forças Armadas e liderança mundial em um curso forte e sustentável para o século XXI.

Como afirmou o Presidente Ronald Reagan, certa feita, nosso país está em um “momento de escolha”: para o Congresso, para nossos partidos políticos e, por fim, para o povo norte-americano⁴. Devemos escolher sabiamente. ■

Chuck Hagel foi o 24º Secretário de Defesa e primeiro graduado veterano de combate a dirigir o Departamento de Defesa. Serviu como chefe de grupo de combate na 9ª Divisão de Infantaria do Exército no Vietnã, atingindo a graduação de sargento e sendo agraciado com várias condecorações e honras militares, incluindo duas medalhas Purple Heart. Formou-se, mais tarde, pela University of Nebraska em Omaha. O Secretário Hagel serviu, anteriormente, como vice-diretor da Administração de Veteranos, e representou o Estado de Nebraska no Senado Federal dos EUA durante doze anos. Este artigo é uma adaptação de seu discurso, proferido em 15 Nov 14, no Fórum de Defesa Nacional Reagan.

Referências

1. Henry Kissinger, *World Order* (New York, NY: Penguin Press, 2014).
2. Em inglês, ISIL, ou Islamic State of Iraq and the Levant.
3. U.S. Department of Defense, *Department of Defense Annual Report, Fiscal Year 1982*, de Harold Brown (Washington, DC: U.S.

Government Printing Office, 19 January 1981).

4. Ronald Reagan, “A Time for Choosing” (political speech, Los Angeles, CA, 27 October 1964), <http://www.reaganfoundation.org> (acesso em 16 dez. 2014)